



José Sergio Duarte da Fonseca possui graduação em Ciências Sociais pela UFF (1993), Mestrado (1998) e Doutorado (2003) em Filosofia pela PUC-RJ. Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ (2004-2005) e no Instituto de Investigaciones Filosóficas, Buenos Aires, Argentina (2019). Atualmente é Professor Adjunto da UFPI. Foi coordenador do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) na UFPI (2016-2020). É Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica (SBPHA). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Mente, Ética e Pós humanismo”, criado em 2013. Tem experiência nas áreas de Filosofia Política e Filosofia da Mente, abordando temas como cognição não-clássica (corporificada; estendida; situada) e suas relações com as perspectivas pós-humanistas, bem como temas que relacionam filosofia política normativa, seus críticos feministas e desconstitutivistas e suas implicações para a Filosofia da Educação.



A tese defendida pelos narrativistas é a de que a experiência humana se constitui como uma estrutura narrativa, não havendo assim uma instância pré-narrativa ou mesmo pré-linguística desprovida de tal estrutura. Pessoas são, segundo o narrativismo, personagens reais de narrativas de vida efetivas, não existindo nada por detrás disso. Os anti-narrativistas, por seu turno, consideram que a narrativa é apenas uma forma tardia e externa, estabelecendo-se como um acréscimo extemporâneo daquilo que de fato constitui a experiência humana, com relação à qual a introdução de noções de início, meio e fim representa apenas uma distorção. Há, assim, uma dimensão ética pontuando toda esta discussão, pois o que é considerado como a condição básica para a descrição correta do agente moral no caso dos narrativistas, ou seja, a identidade narrativa, é, para os anti-narrativistas (sendo Sartre o exemplo mais notório dessa posição), apenas autoilusão. Minha contribuição para este debate é mostrar que, negativamente, as duas perspectivas, se tomadas em separado, não oferecem uma visão satisfatória do que seja uma pessoa, e que, positivamente, é possível oferecer uma abordagem compatibilista, onde a experiência humana é descrita a partir das relações entre um “autor”, isto é, o projeto impessoal e incorporado, cuja descrição possui alguns pontos em comum com Sartre, e seu “personagem” (sempre ficcional, e não real, como supõe MacIntyre). Essas duas dimensões estruturam-se de tal forma que o não-narrativo e o narrativo são entendidos como instâncias que são de fato intrinsecamente co-dependentes.



O QUE FAZ ALGO SER ALGUÉM?

Sérgio Fonseca

Sérgio Fonseca

O QUE FAZ ALGO SER ALGUÉM?

Narrativa, autoilusão e o conceito de pessoa



A abordagem compatibilista do conceito de pessoa proposta aqui implica que pessoas são projetos impessoais incorporados: concedo ao narrativismo a necessidade de narrarmos nossa própria vida; não obstante, concordo também com a tese anti-narrativista de que a narrativa de vida é de fato auto-ilusória, ocultando assim uma dimensão autoral e inenarrável, apenas obliquamente acessível através da fruição estética da narrativa como a urdidura de um autor. Uma das conseqüências mais importantes dessa análise é a de mostrar que há uma dimensão estética de nossa relação com nós mesmos que é tão importante para a compreensão da personalidade quanto as dimensões cognitiva e ética, geralmente enfatizadas pelos estudos sobre o conceito de pessoa.